REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem).... | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

25.º Anno — XXV Volume — N.º 852

30 DE AGOSTO DE 1902

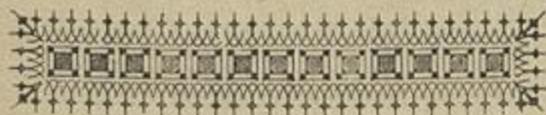
**Redacção — Atelier de gravura — Administração**

*Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4*

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

## CENTENARIO DE CONSTANTINO, O REI DOS FLORISTAS

CONSTANTINO — O REI DOS FLORISTAS

## CHRONICA OCCIDENTAL

Depois d'uns dias de calor proprio de fim de agosto, uma d'estas noites appareceu de repente ennovoada, meia dusia de relampagos tingiram levemente de côr de fogo o nevoeiro, vamos entrar no outomno, na deliciosa estação decantada pelos poetas melancholicos.

Começam as praias a animar-se e qualquer villasinha á beira-mar dá hoje mais assumpto ao noticiario que a enorme cidade de marmore e de granito.

Já o sol perdeu as côres intensas com que ainda ha pouco tingia os poentes e é mais brando o oiro com que pinta as nuvens. Já uma primeira folha secca treme no alto ramo á viração mais fria da tarde; não tarda que se vistam d'oiro os choupos que por esses campos deram fresca sombra ás ribeiras. Vamos entrar em setembro, no tempo das vindimas, ultima tarefa do anno.

Dizem que foi máo de pão, que de vinho não será melhor. Não ha queixosos como os lavradores.

Deram já sua volta os ultimos cirios, queimaram-se os ultimos foguetes; a devota Senhora correu as terras saloias em sua berlinda doirada, ouviu os versos dos anjos e muito sermão, recebeu as promessas, assistiu a muita alegria. Fizeram seus caracoes os cavalleiros á entrada de cada villa; os romeiros e romeiras mais ricos repimpados em suas carruagens, fizeram gala da seda lustrosa de seus chapéos altos, do muito oiro a brilhar sobre os vestidos de seda preta.

Um dos famosos cirios passou este anno por Cintra e d'elle deram mais desenvolvida noticia os jornaes. Na villa elegante foi esperado pela Rainha Sr.ª D. Amelia e por todas as familias que ali estão, abrigadas pela sombra fresca das mais lindas das arvores, esperando a hora de abalarem para as terras de banhos, como manda o codigo que rege as elegancias.

E entretanto a mais bella estação é em Cintra esta que se approxima. Muitos dos que alli passam os mezes de maio a agosto ignoram de quanta formosura a serra se reveste, quando começam as arvores a doirar-se e o céo a encher-se de melancholia, quando já as aguas alteiam o seu cantar e os pinhaes á tarde erguem mais alto os seus gemidos. É outro o perfume d'aquellas mattas depois das primeiras chuvas, e as heras, cheias de brilhantes, parecem estremecer com os primeiros frios.

Mal chega setembro começa a abalada; são poucos os fieis á formosura dos Pisões, de Seteaes, de Penha Verde, da Pena, do Castello dos Moiros. Nos clubs das praias os herdeiros do Macario deram signal para a primeira contradança.

De Lisboa nem falar é bom. Quem se lembra da meia dusia de infelizes que por ahi mourejam e teem como recurso unico para um bocadinho de fresco ou de divertimento a propria fantasia? Bem sei que são essas as viagens mais baratas e menos incommodas; mas a fantasia tambem cança e afinal o ar é sempre o mesmo.

O noticiario de Lisboa é todo feito á custa da imaginação dos pobres jornalistas. Se não fosse o roubo escandaloso dos que tinham a seu cargo vigiar a sahida da cerveja nas fabricas Jansen e da Trindade, com que nos haveriamos de entreter?

O Porto, n'estes ultimos tempos, é que deveras se tem portado á altura de cidade de primeira ordem. A capital do norte desbancou a capital do reino. Um crime, um suicidio, o descobrimento das farinhas falsificadas, afóra varios aperitivos, são uma lista variada para quem gosta de entreter o espirito com verdades que pareçam um romance.

O crime parece inventado por Gaboriau e tem de tudo para poder ser publicado no logar do folhetim: um testamento falso, uma actriz que nunca ninguem viu representar, um homem fugido, um desgraçado preso, corridas da policia, comboios particulares, dinheiro a rodo, complicações, lados tragicos e comicos, tudo emfim quanto costuma ser mentira e por lá anda a sahir certo.

O caso do suicidio é muito mais doloroso e as paginas que o descrevem parecem as de um romance realista, que tratasse das maiores miserias da humanidade. Fóra do desenlace tragico, é talvez um caso vulgar, mas por isso mesmo ainda mais triste. Envolve-o um certo misterio que excita a curiosidade. Desfeito, o que restará? Talvez simplesmente um caso banal de immoralidade, de ciume, e uma desgraçada rapariga morta, cujo retrato os jornaes publicam, de quando era ainda criança, com o seu vestidinho de primeira communhão.

Um romance de amor! Como elle nos apparece doloroso em meio dos outros muito mais complicados, com muitas mais personagens e que tem como principal heroe, um vulto em torno do qual todos os mais se agitam, o omnipotente dinheiro!

Continua chamando a attenção, que bom era não ver desviada para assumptos de menor importancia, a falsificação das farinhas. Depois do Porto, mexeu-se Lisboa. A farinha, que tanta gente deve ter enriquecido, já tem nome por que é conhecida: a mixordia. Ha de vir tempo em que, vendo-se passar um homem de *landau* pela Avenida ou a pavonear-se n'uma cadeira em S. Carlos, d'elle se diga com o maior acatamento: — E' um respeitabilissimo negociante; fez fortuna com a mixordia.

E é com patifarias e crimes que a curiosidade indigena se tem ultimamente alimentado. Nem do estrangeiro nos teem chegado noticias de que valha a pena fazer menção.

Os generaes boers, Dewet, Delarey e Luiz Botha visitaram o rei Eduardo VII a bordo do hiate *Victoria and Albert*, fundeado em Cows. Com toda a polidez recusaram-se a assistir á revista naval de Spithead. Vencidos gloriosos, ser-lhes-hia cruel applaudir a força dos que ainda hontem eram seus contrarios. A estampa que vimos reproduzida d'uma revista estrangeira representa os tres generaes sentados na camara do hiate com o rei de Inglatterra, seu filho o Principe de Galles e os celebres generaes inglezes Lord Kitchner e Lord Roberts, os vencedores. Impressiona vêl-os; mas não se sente aquelle impulso, talvez injusto, de intima revolta que deu a muitos a noticia da acceitação do quasi triumpho em que os yankees trouxeram por muitos dias o almirante da esquadra hespanhola derrotada em Cuba.

Não se percebe a guerra sem odio, o que não quer dizer com crueldade. Matar a sangue frio, só pelo dever, sem que n'isso entre a defeza d'um ideal sagrado, repugna ao sentimento humano. E

como é que um tratado, um facto consummado apagou tão de repente uma paixão?

Nem os boers já nos interessam. Um ou outro artigo que fale no que ainda pode produzir uma revolta provavel no sul de Africa é já lido com fraca attenção.

O noticiario anda em Lisboa muito pobresinho e o que está para vir no inverno ainda é por ora na casca. Boatos apenas.

O Visconde de S. Luiz anda viajando por França e por Italia e é natural que de sua jornada nos traga a surpreza d'alguma boa nova, conforme é seu costume.

A maior parte dos theatros de Lisboa estão fechados e pouco transpira do que tencionam apresentar para o inverno.

A Terrasse Foz foi quem resistiu por mais tempo, apesar da antipathia do seu nome. Terrasse Foz, porquê? Querem tudo em francez, chamem-lhe *Terrasse Embouchure*; ou chamem-lhe terraço, varanda, jardim, o que quizerem.

Ha dias em que não podemos deixar de dar razão ao nosso querido amigo Caturra. O gallicismo sobretudo, quando significa uma pretenção muito ordinaria para mais fino, é-nos sobremaneira odioso. Felizmente não somos sós n'esta maneira de pensar; ainda ha bem pouco tempo, no bengaleiro d'um theatro ouvimos um homem pedindo o seu *pardessus*, e logo um amigo lhe disse, corrigindo-o com toda a importancia:

— Pois se nós temos em portuguez paletot, para que dizes tu pardessus?

*João da Camara.*

---

# CONSTANTINO

## *O Rei dos Floristas*

No dia 17 de agosto de 1802 nasceu em Moncorvo, provincia de Traz-os-Montes, uma creança do sexo masculino, que recebeu na pia do baptismo o nome de Constantino.

Cedo ficou orphão de pae e mãe essa creancinha, entregue aos cuidados de duas tias paternas, que em idade conveniente a entregaram, por sua vez, aos frades do convento de S. Francisco de Moncorvo.

Assim passaram os primeiros annos do que viria a ser o Rei dos Floristas pelo seu talento excepcional de imitar a natureza n'uma das suas manifestações mais bellas e deslumbrantes: as flôres.

No convento mais se entregou ao estudo da flôra portugueza, de que havia grande copia de exemplares no jardim dos frades, do que á observancia das regras monasticas, que não lhe quadravam ao seu genio de artista, e tanto que chegado á idade de tomar ordens, a ellas não quiz submetter-se, resistindo a todos os pedidos e imposições de suas tias e outros parentes, até o ponto de antes perder a sua protecção que ceder de sua vontade.

Assim se viu Constantino aos 18 annos de idade sem protecção e abrigo.

Não se amedrontou. Despiu o habito de noviço que trocou pela farda de soldado, pois que se dirigiu a Vizeu onde sentou praça no batalhão de Caçadores n.º 5.

Não tardou que o novel soldado tivesse o seu baptismo de fogo na contra revolução de 1820 que bateu o general Silveira até ás terras de Hespanha, onde elle com suas tropas se refugiou.

Constantino distinguiu-se n'esta campanha por sua coragem e brio, o que lhe valeu ser elevado a cabo.

Quando a divisão liberal, porém, regressou a Lisboa, tinha sido restaurado o governo absoluto e este logo dissolveu o batalhão de caçadores 5 e as praças foram remettidas para a Ilha Terceira, onde governava o general Stockler.

Os successivos acontecimentos da guerra liberal permittiram que Constantino regressasse á metropole, e alistando-se no batalhão de voluntarios realistas, veio combater no Cerco do Porto, seguindo sempre o exercito de D. Miguel até á Convenção d'Evora Monte, sendo já alferes porta-bandeira.

Com seus companheiros d'armas embarcou em Sines com destino a Genova, sendo os seus unicos haveres um bracelete e uns brincos de oiro que herdara de sua irmã, victima do cholera em Santarem.

Tão exiguos recursos para pouco chegaram e Constantino teve de procurar trabalho para viver.

Lançou mão do que sabia e fez flôres de pennas que aprendera a fabricar na ilha Terceira. Era a vocação que o instigava a entrar no caminho da gloria.

As flôres de pennas, porém, não tinham acceitação n'aquella cidade e a florista M.me Vieillard a quem Constantino se dirigira apenas o poude empregar em preparar tintas.

Mal tinha o florista arranjado trabalho quando, uma ordem do governador da cidade mandou sahir de Genova todos os estrangeiros que não tivessem modo de vida reconhecida.

Constantino teve de abandonar a Italia, porque M.me Vieillard, não o quiz abonar, dando-lhe comtudo uma carta de recommendação para Mr. Flamet, florista em Paris, cidade para onde partiu, chegando á grande capital do mundo em 13 de dezembro de 1834.

Foram quasi uma lucta desesperada os primeiros tempos de Constantino em Paris, principiando pela difficuldade de entender e fazer-se comprehender, pois não sabia francez nem encontrava quem lhe fallasse sua lingua patria.

Entretanto a recommendação de M.me Vieillard sempre lhe valeu, pois que apresentando Constantino a carta a Mr. Flamet este o convidou a jantar e lhe encommendou um ramo de flores de pennas, que causou tal admiração que, sendo exposto ao publico, a Guarda Nacional o comprou para o offerecer á rainha Amelia mulher do rei Luiz Filippe.

Se por um lado esta estreia fôra de bom auspicio para o grande florista, por outro foi o toque de alarme para a guerra que logo lhe moveram os principaes fabricantes de flôres artificiaes, que viram em Constantino um concorrente temivel pela novidade das suas flores que encantavam os parisienses.

Todos os fabricantes se negaram a dar trabalho ao nosso compatriota, chegando a dizer-lhe que havia floristas de mais em Paris e que fosse elle para a Russia ser cosinheiro.

Mr. Chagot ainda lhe fez uma encommenda de 300 francos de flôres, que Constantino fabricou a credito, mas quando foi entregar a encommenda passou pela humilhação de ser regeitada. Teve que vender as suas flores por todo o preço e foi Mr. Lefort que lhe deu 80 francos por ellas, promettendo-lhe dar mais alguma coisa se as flôres tivessem boa venda.

Felizmente Mr. Lefort fez bom negocio com as flores de Constantino e poucos dias decorridos procurou o artista, n'um sexto andar da rua de Cléry, onde lhe entregou mais 20 francos e lhe fez nova encommenda.

É curioso, porem o acaso que permittio a Constantino poder estabelecer-se em Paris, depois de ter esgotado todos os esforços empregados para esse fim, sem encontrar quem o auxiliasse.

Foi em uma noite.

Constantino levara um ramo encommendado a Mr. Lefort, mas enganou-se no caminho e como não conhecia ainda bastante as ruas de Paris, dirigiu-se a um individuo que passava, para o orientar. Esse individuo não só lhe ensinou o caminho como o acompanhou ao estabelecimento de Mr. Lefort.

Este encontro deu logar a Constantino revelar áquelle desconhecido a situação em que se encontrava, o que certamente o interessou, porque passados poucos dias esse desconhecido procurou o grande florista e offereceu-lhe algum dinheiro para poder trabalhar por conta propria. Foi acceita a offerta e passado um mez, mr. Isidore, assim se chamava o desconhecido, propunha uma sociedade a Constantino para trabalharem juntos, o que tambem foi acceito.

Assim se deu principio á grande fabrica do florista portuguez Constantino, e de que Mr. Isidore foi contramestre.

As flores artificiaes de Constantino principiaram a apparecer em Paris e a ter grande acceitação. Eram primorosas e illudiam completamente.

Constantino suplantou todos os floristas e em 1839 era nomeado fornecedor dos reis de França.

Veio a exposição de 1844, e as flores de Constantino figuraram ali junto das flores verdadeiras com as quaes se confundiam. Muitos achavam extravagante expôr flores naturaes que em poucas horas murchariam, como effectivamente murcharam, e só então reconheceram as artificiaes que conservavam toda a apparencia de frescura, toda a belleza natural. Não se imitava a natureza; egualava-se, pelo menos na apparencia.

Constantino alcançou o primeiro premio na exposição e o seu nome foi falado na côrte, onde as filhas de Luiz Filippe acharam insufficiente a recompensa dada ao grande artista.

Pouco tempo depois Constantino mandava as suas flores para um bazar de caridade em beneficio das familias que tinham perdido seus haveres no terramoto de Guadalupe. As damas obtinham bons preços pelas flores que offereciam ao publico, e uma vez que Constantino ali foi, victoriaram-no exclamando: *Vive notre grand artiste! Vive le roi des fleurs!*

A imprensa de Paris acompanhou as damas no seu enthusiasmo pelo artista portuguez.

Constantino não adormeceu sob estes louros.

Emprehendeu uma viagem de estudo pelos paizes da Europa. Visitou os jardins mais afamados e estudou do natural a opulenta flóra que encontrou. Nos Altos-Pyreneos galgou montanhas e desceu ao fundo dos vales, correndo grandes perigos, para colher as flores mais exquisitas e por ventura mais bellas.

De volta a Paris apresentou uma variedade de flores até ali desconhecidas na grande capital, e com tal perfeição fabricadas que foi um assombro para os parisienses.

Cresceu sua fama e chegou até ás principaes casas reinantes que todas o preferiram para seu fornecedor.

Veio a revolução franceza de 1848 e como era natural, veiu uma crise de trabalho e de commercio que a todos affectou. As fabricas de Paris viram-se obrigadas a despedir dois terços de seus operarios.

Constantino, porém, manteve todo o pessoal de sua fabrica, embora com sacrificio, sustentando-o sem alteração, para o que chegou a despojar-se de objectos de valor incluindo a sua baixela de prata que vendeu.

Depois da revolução foi a Berlim liquidar umas contas e ali o convidaram a dar lições da sua arte á princeza real, que depois lhe offereceu uma taça de oiro tendo gravada a firma e as armas reaes da Prussia.

*
* *

Em 1850 as saudades da patria trouxeram Constantino a Portugal onde chegou no dia 23 de junho.

Vinha doente depois de vinte annos de lucta e de trabalho.

Os poucos jornaes que havia então todos se occuparam do já celebre artista, e não lhe faltaram convites para jantares e reuniões. Os escriptores e artistas de Lisboa deram-lhe um jantar a que assistiu Almeida Garrett. A rainha D. Maria II recebeu-o no palacio das Necessidades, e Constantino offereceu á primeira rainha constitucional um lindo ramo de rosas e uma grinalda de flores exquisitas, o que foi justamente apreciado.

De Lisboa seguiu Constantino para o Porto onde teve recepção condigna, e d'ali para a sua terra natal, Moncorvo, onde foi acolhido como filho que dava honra á mãe patria.

Não faltou na sua terra quem quizesse descobrir genealogias fidalgas ao glorioso artista, como se elle precisasse entroncar seu nome em arvore aristocratica para ser rei dos floristas. Teve a nobreza do talento e do trabalho aliada á honradez e brio de seu proceder. Com estas qualidades se formam brazões de grande fidalguia, que tantas vezes são deshonrados por descendentes!

Em 1854 publicou-se em Paris uma genealogia de Constantino que o entroncava na principal nobreza de Portugal, mas nenhum d'esses brazões vale o que elle conquistou pela sua arte e pelo consenso geral que o aclamou Rei dos Floristas.

Pouco tempo se demorou Constantino em Portugal porque os trabalhos que tinha de preparar para a exposição de Londres de 1851, não lhe permittiram alongar sua estada na terra que lhe foi berço.

A exposição de Londres não foi para Constantino menor triumpho que a de Paris. O artista, habilitado com o estudo de vinte annos, foi alem de toda a espectativa. A sua exposição das mais raras plantas e mimosas flores, foi um deslumbramento que honrou tanto a França, onde Constantino exercia a sua arte, como Portugal d'onde elle era filho.

O jury da exposição conferiu-lhe a grande medalha e proclamou-o o primeiro de todos os floristas.

Os jornaes de Londres d'aquelle tempo e os correspondentes dos de Paris louvaram os trabalhos de Constantino e referiram as honras que lhe fizeram os soberanos e principes estrangeiros.

A duqueza de Orleans, visitando a exposição, disse ao eximio artista: «Espero, sr. Constantino, que a França recompensará dignamente o vosso grande talento e os imensos sacrificios que tendes feito para a representar aqui tão gloriosamente.»

A rainha Victoria não foi menos amavel, pois que dirigindo se a Constantino lhes disse:

«Ha dias que desejo fallar vos. Conheço-vos ha muito de reputação. Queria dizer-vos que admiro

o vosso talento, e tive grande prazer de examinar os vossos magnificos trabalhos.»

«Para mim, é o que acho mais bello n'esta exposição. Os diamantes quasi todos tem defeito; as vossas flores não tem nenhum.»

Não pequenos serviços prestou Constantino ao seu paiz, n'esta exposição pois não só conseguio, com enormes difficuldades, que trabalhos seus figurassem na secção portugueza, como trabalhou e dispendeu dinheiro para dar melhor disposição aos productos portuguezes que ali figuravam, de modo que visitando a rainha Victoria pela segunda vez a exposição do nosso paiz ella perguntou se tinham chegado novos productos de Portugal.

Para que o triumpho fosse completo Constantino recebeu honroso preito dos proprios que o tinham guerreado.

Os floristas francezes dirigiram a Napoleão III um memorial em que, exaltando justamente o talento de Constantino, pediam ao imperador conferisse a Legião d'Honra a quem tanto tinha honrado a França e a arte na exposição de Londres.

Este pedido tinha tanto de justo como de grato da parte dos floristas francezes, pois que Constantino alem do grande impulso que dera á industria florista, elevando o seu commercio de tres a quatorze milhões de francos e empregando mais de 10:000 operarios, imprimiu com seu talento tão grande distincção aos seus trabalhos que fez com que as flores artificiaes fossem admittidas na classe superior das exposições, o que até ali não acontecera.

No referido memorial encontram-se ainda estas palavras:

«A Inglaterra tinha no palacio de Crystal uma exposição magnifica de flores artificiaes. Se não fôra o sr. Constantino, a ella pertenceria a grande medalha.»

«Se acaso se realisasse esta proclamação official da victoria da Inglaterra, não arrebataria ella a França este ramo de exportação, tão consideravel já que occupa em Paris mais de dez mil operarios de ambos os sexos?»

*
* *

Em 1854 veio Constantino de novo a Portugal restaurar a saude nos ares patrios; pouco se demorou, porém, porque o desejo de concorrer á exposição universal de Paris de 1855, levou-o outra vez á França. Tinha o grande artista trespassado a sua fabrica, mas ainda assim quiz abrilhantar o grande certamen com as suas maravilhosas flôres.

Além d'isto foi um grande auxiliar para a commissão portugueza como o attesta no respectivo relatorio o commissario regio de Portugal conde d'Avila, onde se lê a pag. 10, t. 1. «Foi auxiliado (o sr. visconde de Villa Maior, vogal da commissão) na collocação dos productos (portuguezes) pelo sr. Constantino José Marques, que se prestou da melhor vontade a este trabalho.» A pag. 5 diz: «que as flôres que elle expozera haviam excitado a admiração geral.»

Por causa da sua fabrica que elle trespassára, teve Constantino que sustentar um pleito nos tribunaes em que venceu sua demanda, mas os annos e a saude não lhe permittiram ir muito alem em seus trabalhos. Constantino alienou deffinitivamente a sua fabrica da rua d'Autin e retirou-se á vida privada.

Constantino José Marques não foi só um grande artista, mas um caracter precioso que lhe grangeou as sympathias dos francezes com quem viveu tantos annos.

Diz um seu biographo, de quem nos temos soccorrido para este artigo, que: «Na sua fabrica admittia donzellas pobres, a quem dava educação, e muitas d'alli sairam já prendadas, e hoje estão na prosperidade. O arcebispo de Paris foi por vezes visitar a fabrica de Constantino, e louvar o regimen moral e religioso que alli se observava.»

Devido ao seu generoso coração que não lhe deixou acumular bens tendo ganho tantos milhões de francos, Constantino viu compromettidos os poucos haveres que tinha, e quando quiz obter vinte mil francos para regular os seus negocios, não o conseguiu pois que a França estava a braços com a guerra franco-prussiana.

Quizera pagar suas dividas em França para regressar a Portugal e não poude.

Constantino morreu no dia 14 de dezembro de 1873, n'uma propriedade que tinha proximo de Tercy, em uma modesta mediania, porque o seu successor, apenas lhe podia então enviar, por anno, uns quatro mil francos, isto é 720$000 réis.

Passou no dia 17 d'este mes o centenario de um portuguez que o mundo acclamou Rei dos Floristas, mas parece que todos se esqueceram d'elle, como meio esquecido morreu no seio da França o artista que lhe dera tanta gloria.

Ha tempos aventou se a idéa de levantar uma estatua ao grande artista, e seria agora occasião asada, para ornar com ella o jardim que tem o seu nome.

Fique pelo menos archivado n'estas paginas o retrato e as principaes notas biographicas da sua vida, para que o olvido não seja completo!

*R.*

## O DOUTOR JOSE MARIA RODRIGUES

Aos 28 de março de 1897 pronunciou estas palavras o illustre Visconde de Castilho (Julio de Castilho) no elogio historico de Joaquim Possidonio Narciso da Silva, já morto: «Quando o sopro do vento apaga a chamma da vida, expande-se no ar o residuo, a essencia balsamica e vivaz do pensamento.»

O meu caso, traçando as linhas com que intento acompanhar o retrato do doutor José Maria Rodrigues é differente: trato de um vivo.

Falta em minha mente porém o brilho de Castilho mestre inexcedivel n'este genero de litteratura e, assim, perde o homem de bem que se acha á testa do lyceu de Lisboa, que eu não posso por mais que queira definir em seu caracter typico e exemplarissimo.

E assente esta declaração verdadeira vou desde já resumir o muito que diria se tivesse recursos de engenho e penna aparada n'uma phrase que a antiguidade classica ouvio um dia áquelle famoso Pyrrho perante o qual tremeu Roma: «Ille est Fabricius, qui difficilius ab honestate, quam sol a cursu suo, averti potest.»

Sim, leitores, este conceito cabe tambem a primor em referencia ao doutor José Maria Rodrigues.

O seu porte correctissimo e honestissimo já como reitor do lyceu de Lisboa, já como vogal do Conselho Superior de Instrucção Publica é tal qual se observou sempre a partir de seus verdes annos.

Ha seres privilegiados que assombram e empolgam os contemporaneos em quem constituem além de amigos respeitosos profundos admiradores.

Quando o doutor José Maria Rodrigues ainda cursava aulas da Universidade de Coimbra era apontado por todos os academicos como raro modelo e exemplar de bons costumes e de nobres qualidades.

Por esse tempo fez elle umas *sebentas* de Philosophia do Direito que serviram a seis ou oito gerações de estudantes sendo ainda actualmente um digno trabalho de consulta.

N'esta individualidade assim notavel n'uma época de crapula e de intriga encontram-se reunidas duas physionomias distinctas e completas, o homem e o padre; homem honrado e inteiriço, padre por vocação e austero por principios.

Doutor na faculdade de theologia a sua Dissertação para o concurso do magisterio n'aquelle estabelecimento de instrucção superior firmou por modo indubitavel os seus creditos conquistados por muita assiduidade de estudo, muita contenção de espirito e muita penetração intellectual.

Antes revelara-se talento, na dissertação mostrou-se um sabio.

Ao arrojado de seu titulo — *Pensamento e Movimento* — correspondeu a vastidão de conhecimentos, a systematisação mathematica de idéas, o vigor pleno de conclusões e até o colorido scintillante que soube imprimir em suas paginas.

Em polemica interessante com Camillo Castello Branco, polemica que ficou memoravel na imprensa portugueza o essencialmente modesto doutor José Maria Rodrigues provou-se á altura de um tal antagonista que evidentemente não levou a melhor no campo sereno da argumentação sincera e da logica.

Lente substituto da faculdade de theologia e Director da bibliotheca da Universidade accentuou o seu grande amor ao trabalho e evidenciou os seus dotes de especialidade por maneira que indicava com segurança não só os logares de disposição de cada obra mas aos proprios profissionaes tratadistas de merito reconhecido e mesmo capitulos mais adequados e elucidativos em differentes materias.

A arma de que se servira Camillo Castello Branco para desbancar o adversario na discussão que haviam travado fôra o estylo humoristico em que era forte o primoroso escriptor de S. Miguel de Seide.

Sem querer melindrar parentes nem agravar memoria de fallecidos quero comtudo inserir aqui uma passagem de Villemain na *Historia de Cromwel* com a qual concordo e que tem applicação para todos que usam de sátyra ou de sarcasmo; eis a alludida passagem: «Empregar o ridiculo, ainda mesmo quando para tal emprego parece haver uma razão superior, que se eleva sobre quanto a historia conta, póde alterar os factos, não deixando conceber a importancia que elles tiveram na opinião dos contemporaneos.»

Homem probo e sério, bondoso e incapaz de pactuar com o vicio esperava-o uma difficil e espinhosa missão em hora de luctas porfiadas no terreno de instrucção publica, a reitoria do lyceu de Lisboa.

A reforma de instrucção secundaria tornara-se de urgencia inadiavel e commetera-se essa empreza de esforço e de vontade a homem de intelligencia experimentada no ensino official e educada e aberta em esphera luminosa de sciencia solida.

O homem ao qual me reporto, assim incumbido de tarefa de tão grande responsabilidade levou-a a cabo com escrupulo de observação e escolha de fontes opimas no centro por excellencia de elaboração mental, a Allemanha.

Mas não bastava a urdidura e o texto; exigia-se vêl-a implantada.

Foi então que o Governo pensou na pessoa do doutor José Maria Rodrigues para o investir no cargo em que ainda se mantém.

Pôr em pratica uma reforma destinada a supprimir abusos gravissimos e a beneficiar os paes, os tutores, todos os responsaveis da mocidade é deveras lance temeroso e arriscado passo.

Viu bem e pesou semelhantes riscos e obstaculos provaveis o nosso apostolo dedicado ao trabalho e á causa da instrucção e, se teve reluctancias para aceitar não foi movido por temor mas inspirado por sua modestia só comparavel a seu muitissimo valor e merecimento.

Escusado é dizer agora como tem exercido suas funcções de confiança o insigne reitor do lyceu da capital: seria isso impertinencia grosseira sobre ser redundancia estulta.

Quem ha em Lisboa que não conheça o doutor José Maria Rodrigues, o espirito conciliador, o evangelisador humilde, o conselheiro sympathico e verdadeiro pae amantissimo de todos os estudantes do lyceu?

Já fui ao Largo do Carmo por mais de uma vez edificar-me n'aquelle espelho de bondade e de disciplina captivante quando elle nos intervallos das aulas, sem chapeu na cabeça percorre o mesmo largo nivelando-se com as creanças em sua defesa e em solicita protecção.

Dentro do lyceu já não ha guardas de policia nem soldados municipaes; ha o reitor modelo, o pedagogo admiravel e attrahente.

A apotheose do doutor José Maria Rodrigues, o triumpho eloquentissimo e palpitante da honra e da dignidade sem mancha de especie alguma, o prestigio de seu venerando nome não ha muito se presenceou na cidade do Tejo com inteira justiça e sancção elevada.

Desde o ministro do reino até o ultimo funccionario de escala inferior e desde o alumno mais novo até o mais graduado pela idade e por ordem de estudo todos se apressaram em render-lhe homenagem devida e em dar-lhe satisfação publica e categorica.

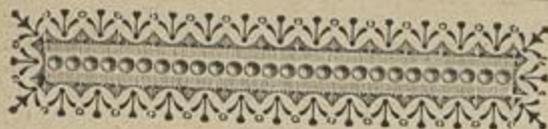
E a este preito assim revestido de maior imponencia tambem se associaram os chefes de familia que jámais puzeram em duvida a pureza de quilates que lhe distingue e forma o caracter.

E assim como não votou odio a intrigantes insensatos, assim tambem o não envaideceu o enthusiasmo e a unanimidade que depois o acolheram no dia do solemne preito.

D'este homem e padre posso affirmar com fundamento legitimo o que Clavel affirmou de virtude no livro *Statique Sociale*: «Quando a vontade humana põe todas as forças de que dispõe ao serviço do bem, ha virtude.»

A virtude! — eis o timbre singular e o titulo classificativo do homem cujo retrato vae perdurar na galeria do OCCIDENTE com traços biographicos de relevo tão apoucado.

Sei todavia que não menti, e é essa a intima alegria que resta em minha consciencia.

*D. Francisco de Noronha.*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### A PRAIA DE CASCAES

Não tarda a vida das praias para onde emigra uma grande parte da população de Lisboa.

A praia de Cascaes é uma das mais concorridas e para isso basta ser a estação balnear da Familia Real.

De facto nenhuma outra praia tem mais animação na época dos banhos e, comtudo antes de ser sevida pelo caminho de ferro, poucos banhistas ali concorriam.

O engrandecimento de Cascaes data de então para cá e tudo tem concorrido para o seu augmento, já pela preferencia que a Familia Real lhe deu, já pela actividade e iniciativa do sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, presidente d'aquelle municipio, que tem empregado todos os esforços para o melhorar e embellezar, como é notorio.

## A CATHEDRAL DA GUARDA *

Reproducções de estudos feitos no local, ha cerca de quatro annos, as estampas hoje publicadas, representam os mais interessantes pontos do edificio.

* Este artigo é continuação do estudo publicado, pelo sr. Rozendo Carvalheira n'*A Construcção Moderna* donde transcrevemos, com a devida venia o primeiro e hoje este.

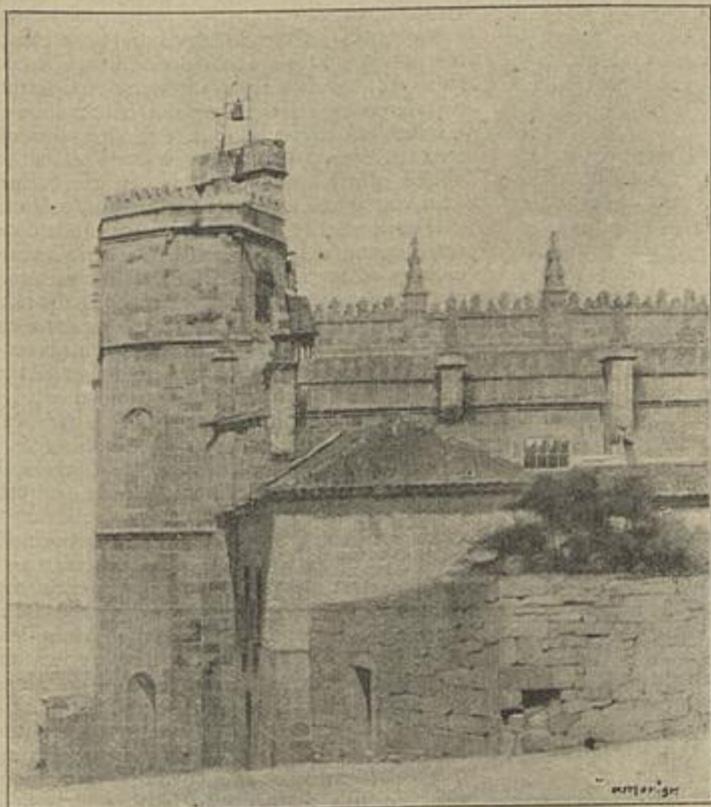
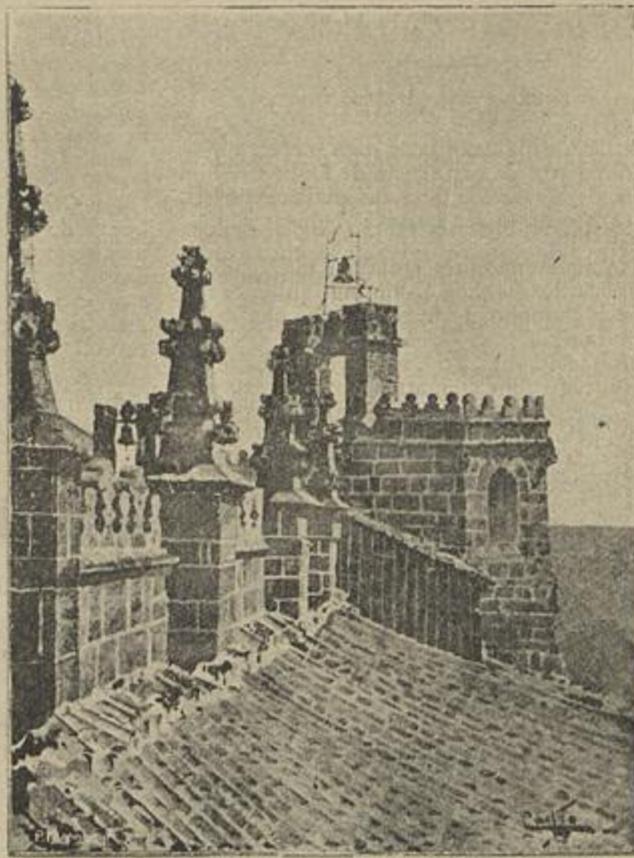
DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES
Reitor do Lyceu de Lisboa

A primeira, mostra junto á baze da torre terminus da fachada referida, a pezada construcção pombalina que lhe annexaram nos fins do seculo XVIII, com o fim de servir para reuniões do capitulo; construcção que ha muitas dezenas d'annos não servia para o fim a que fôra destinada, e que nos ultimos tempos era deposito de cereaes ou *celeiro episcopal*, para o que lhe utilisavam o pavimento terreo, visto que o primeiro andar nenhuma util applicação tinha, attento o seu deploravel estado de ruina e abandono. Recordo-me de ter visto n'esse abandonado pavimento, um tosco armario de madeira, onde jeziam feitos em cisco e triturados pelos ratos, preciosissimos documentos para a historia do bispado, doações, cartas regias, foraes, etc. de que apenas existiam alguns pequenissimos fragmentos e os cordões de seda e sellos regios, pendentes, em cêra vermelha, que os ratos pouparam, para que de tal vergonhoso abandono, ficasse ainda um vestigio como providencial castigo a tanto e tão profundo desmazello.

D'esse pezado cazarão, d'esse funebre necroterio de tanta preciosidade historica, resta hoje apenas o logar; e a vetusta silharia primitiva, torpemente emtaipada por esse monstro, já, segundo me consta, está por completo, livre e em via de regular reparação, em conformidade com o que eu superiormente propuz, a fim de gradualmente se ir libertando o gracioso edificio, dos varios vandalismos e adjuncções que lhe fizeram em varias epocas.

Todo o monumental edificio da Sé da Guarda, é caracterisado inteiramente, por uma grande sobriedade ornamental, que mais admiravel torna a extraordinaria harmonia das suas soberbas linhas; raros ornatos se vêem e esses de larga e rasgada factura, circumstancia principalmente devida á qualidade do granito regional, que é d'uma granulação grossa e de muito difficil lavôr. Das raras peças decoradas, avultam pela typica maneira com que foram tratadas, os capiteis do referido arco da capella mór, que a nossa estampa apresenta. Esses graciosos agrupamentos de que emergem simultaneamente, o arco da capella-mór, um arco gerador da nave-cruzeira e os artezões que

A PRAIA DE CASCAES

# A CATHEDRAL DA GUARDA

FACHADA DO SUL

PARTE SUPERIOR DA TORRE, NA FACHADA NORTE

CAPITEIS

partindo pelos penditivos se vão entrelaçar no ceu da nave, são dos mais interessantes exemplares que conheço no genero.

Curioso detalhe: — o fuste do feixe de columnelos a que dão remate os capiteis referidos, foi, á altura de cerca de quatro metros a partir do chão da nave, cruel e estupidamente decepado, afim de dar passagem e encosto aos cadeiraes do côro, existentes encostados ás paredes da capella mór; arrematou-se o barbaro córte com mizulas banaes de madeira dourada!...

E como estes, ha dezenas de barbarismos n'este monumental edificio, campeando ferozmente ao lado de verdadeiras preciosidades, que maculam com seu morbido contacto.

A pouco e pouco, com prudencia, conscienciosamente e com desvelados cuidados vae o bello edificio sendo despojado d'elles, devendo-se o inicio e bom termo da benemerita campanha, ao inimitavel amor, zelo e intelligencia d'um funccionario illustre, que, quando não tivesse (que os tem e muitos) outros factos a attestarem brilhantemente a sua acção, quando governador civil da Guarda, bastaria o de ter promovido insistentemente d'accordo com o esclarecido prelado da diocese, tal campanha patriotica, para que o seu nome figure entre os mais benemeritos da sua terra.

Não contente, com o prestar á Sé da Guarda o grande serviço da sua restauração, quer ainda prestar-lhe outro e tambem grande, estudando-lhe e depurando-lhe a historia e tradicção, e n'esse intuito, está publicando no *Districto da Guarda* um precioso estudo que intitulou: *Diocese e Cathedral da Guarda, apontamentos historicos sobre a diocese da Guarda e algumas notas avulsas relacionadas com a construcção da sua cathedral.*

Estes serviços importantes prestados pelo sr. dr. José Ozorio da Gama e Castro, á causa das tradições monumentaes do paiz, são da natureza dos que devem ser gratamente registrados com reconhecimento e como brilhante exemplo, por todos os que devéras prezam o nosso fulgido e inimitavel passado historico.

As trinta cadeiras (quinze por lado) que na capella-mór formam o chamado *coro de baixo*, constituem no seu conjuncto um soberbo trabalho de alto valor artistico.

A execução da talha d'esta bella peça, em madeira a duas côres, é d'uma correcção e beileza admiraveis. Em cada uma das duas paredes lateraes da capella, onde estão installadas estas cadeiras, apenas cabem onze, dando isto em resultado, affrontarem as quatro restantes o pavimento da nave cruzeira, constituindo d'esta fórma um pejamento intoleravel e do mais desagradavel e lastimoso effeito.

Para que estas cadeiras se podessem ajustar ás paredes, commetteu-se o attentado inqualificavel de mutilar deploravelmente de cada lado da capella o fuste e base dos graciosos columnelos que constituem os pés direitos do grande arco triumphal da capella-mór, rematando-se a barbaridade, com mizulas de madeira dourada, como já referimos no artigo anterior.

Este deploravel facto, não só prejudicou intensamente as condições estheticas do formosissimo e magestoso arco, mas até cerceou profundamente as condições de estabilidade do edifihio.

ALA ESQUERDA DO CORO DE BAIXO
NA CAPELLA-MOR

Em gravuras que posteriormente iremos publicando, apresentaremos outras peças interessantes do grandioso edificio, onde abundam como já dissemos muitas preciosidades e muitos lastimaveis vandalismos.

*Rozendo Carvalheira.*

## ORIGENS DO THEATRO

APPARECIMENTO DO GENERO DRAMATICO NA GRECIA E EM ROMA

Todos os povos, ainda os de civilisação menos adiantada, nos apresentam a ideia que formavam dos phenomenos da natureza, expressa nos seus livros de sciencia, e a comprehensão que tiveram do bello, revelada nos seus trabalhos artisticos.

O espirito humano, movido pela curiosidade ou desejo de saber, esforça-se, incessantemente, por descobrir e analysar os segredos de tudo que o cerca, procura, com assiduidade, penetrar nos recessos mais intimos do desconhecido e, pelas operações intellectuaes, elle consegue, com mais ou menos certeza, conhecer os phenomenos e determinar as leis que os regem.

O homem conhecendo, emfim, essa serie de cousas que tanto o impressionavam, entrando na apreciação particular dos grandes problemas da creação, acha-se na presença d'esse mundo de espectaculos bellos e grandiosos que a natureza tão prodigamente, lhe offerece, admira a sabedoria infinita que presidiu á formação de todos os seres, extasia-se perante o poder immenso do Creador.

Então o seu espirito, fortemente, abalado por tão estranhas commoções, enthusiasma-se, inflamma-se, e nos canticos mimosos da poesia, no trecho inspirado da prosa, no dom sublime da palavra, no concerto suave dos sons, no brilho delicado das côres, ou na correcção elegante das linhas geometricas e das fórmas plasticas, exalta e engrandece essas maravilhas que tanto feriram a sua sensibilidade, exprime o bello ou o typo ideal creado pela sua imaginação.

D'aqui teremos, pois, as duas grandes aspirações da alma humana: — o conhecimento da verdade pela intelligencia e a apreciação da belleza pela sensibilidade, e por conseguinte, a organisação da sciencia e da arte.

São estes dois elementos que, intimamente, ligados formam a litteratura na sua accepção mais ampla, o melhor apanagio da humanidade, o brazão nobilissimo do seu alto valor e da sua incontestavel superioridade.

Platão e Aristoteles na philosophia, Euclides e Archimedes nas mathematicas, Hipocrates e Galeno na medicina, Meton e Gallileo na astronomia, Strabão e Pomponio Mella na geographia, Thucidades e Tito Livio na historia, Homero e Virgilio na poesia, Demosthenes e Cicero na eloquencia, Apelles e Zeuxis na pintura, Orpheu e Amphião na musica, Phidias e Praxiteles na estatuaria, Meliagenes e Democrates na architectura, reproduzidos, serião excedidos, em outros tantos vultos de igual quilate, são, por certo, o justificado orgulho da raça humana, os fulgentissimos pharoes dos seculos, verdadeiros marcos milliarios na gloriosa senda da inspiração, da intelligencia e do saber.

No conjuncto imponente das multiplices e variadas revelações do espirito humano, depara-se-nos o *theatro* como uma manifestação naturalissima, espontanea, altamente merecedora de uma consideração especial, de um estudo particular.

Apparece-nos, sempre, o theatro, como uma instituição social de elevada importancia, já pelo interesse que desperta, reproduzindo as acções variadas da vida, já pelo nobre fim que tem em vista — o de moralisar. As suas origens são, naturalmente, em todos os povos, religiosas, porque o homem, vivamente, impressionado pelo sobrenaturalismo, pendendo sempre para o maravilhoso, inclinação tanto mais pronunciada, quanto menor fôr o seu desenvolvimento intellectual, é levado á comprehensão de que as forças superiores que se agitam, alterando e transformando a natureza são perfeitas divindades protectoras ou maleficas e das quaes depende o bem ou o mal, a felicidade ou a desventura.

Por uma tendencia especial do seu espirito, procura personificar esses agentes poderosos e colloca-los em lucta pelas suas missões, inteiramente, oppostas. N'esta personificação e lucta dos deuses ou das forças superiores revelam-se os germens do theatro, que, por aperfeiçoamento gradual, foi admittindo o monologo, o dialogo e, por ultimo, maior ou menor numero de actores, segundo as exigencias da representação.

O desejo de progredir e de exprimir novas ideias e sentimentos fez com que as representações, puramente, hieraticas, fossem substituidas pelas nacionaes, em que se tomassem por assumpto os acontecimentos historicos e de ordem politica, e por fim, o theatro, procurando um caracter mais rigorosamente, adequado á vida intima da humanidade, abandona o principio religioso e a feição historica e personalisa as virtudes, as paixões, os ridiculos e os vicios, pintando com vivo colorido as suas derrotas ou triumphos no coração humano.

Na Grecia, o theatro brota da choristica em honra de Baccho: das dansas serias ou de movimentos graciosos e elegantes resulta — a tragedia; das dansas grotescas e ridiculas — o drama satyrico e a comedia. No culto dyonisiaco, um dos mais antigos, a procissão e a dansa tomam um caracter, essencialmente, dramatico, e a falta de civilisação n'esses remotos tempos, permitte a pratica de actos selvagens, scenas de verdadeiro canibalismo, como a de sacrificar aos deuses victimas humanas com o fim de expiar os crimes do povo. As *agrionias* são recordações d'esses sacrificios cruentos. E' provavel mesmo, como diz Magnin, que, depois de se despedaçarem as victimas, se lhes devorassem as carnes, sendo a *creonomia* e a *omophagia*, nos antigos mysterios de Baccho, ceremonias commemorativas de taes ferocidades.

Com o correr dos tempos a immolação humana foi substituida pela dos animaes. Os personagens dos cortejos bacchicos perdem a feição selvagem e revestem um caracter artistico, ainda que rudimentar. Os hymnos dithyrambicos erão entoados pelos córos que formavam a procissão e intercalados pela representacão, em tablado, de monologos de improviso, referentes ao deus do vinho.

Thespis, contemporaneo de Solon, regularisou estes monologos, a que deu o nome de *Episodios*, elaborando-os em condições artisticas e representando-os ou fazendo-os representar por um só actor. Seguido por Phrynico, que admittiu os papeis femininos, por Eschylo, que creou o dialogo, por Sophocoles, que instituiu a scenographia e por Euripedes, o grande conhecedor do coração humano, lançou as bases da tragedia.

Suzarino, de Icaria, extrahindo das dansas grotescas e do lado ridiculo das festas de Baccho os elementos risiveis, creou a comedia, a principio, representada nas aldeias e depois trazida para as diversões urbanas. Cultivada com mestria, na forma politico-satyrica, por Aristóphanes, na allegorica, por Antiphanes e na de enredo por Menandro.

Mixto de tragedia e de comedia, é o drama satyrico, usado nos campos, nas festas de Ceres e Baccho e, mais tarde, admittido por Pratinas para complemento das trilogias classicas, destinado pela sua indole satyrica e zombeteira a alegrar o espirito opprimido e cançado do terror e peso da acção tragica.

Bem avara foi, para nós, a antiguidade com estas composições, por isso que, apenas, possuimos uma completa — o *Cyclope*, de Euripedes.

Em Roma, a elaboração dramatica segue processos identicos aos da Grecia. Ainda que o genio romano seja diverso do grego, em materia litteraria, nota-se grande analogia entre os dois povos classicos, facto, que parecendo anormal, por isso que, de indoles diversas, producções diversas, se explica, perfeitamente, no momento em que se comprehenda que todos os povos na infancia se deixam dominar pelo mesmo principio — o religioso, ainda que interpretado de differente maneira, e se saiba que Roma, por natureza absorvente e egoista, se apropriou de toda a cultura litteraria da Grecia.

Nasce, pois, o theatro latino, na forma tragica, do culto dos lares ou deuses domesticos; na fórma comica e satyrica, das festas ruraes e das de triumpho em honra dos generaes vencedores.

Dotados de grande veneração pelos mortos, os romanos realisavam os funeraes dos seus homens illustres com grande apparato, imprimindo-lhes um caracter, perfeitamente, dramatico.

Em extenso cortejo, em que figuravam vultos graves e austeros com mascaras de cêra pintadas e com as vestes dos antepassados do personagem que ia sepultar-se, criminosos condemnados á pena ultima que deviam ser immolados em honra do defunto, gladiadores destinados a combaterem em volta da campa ou da pyra, carpideiras de rosto macerado e de cabellos desgrenhados soltando gritos de angustia e de lastima, conduzia-se, em precioso ataúde, o morto, que, por sua vez, tambem era representado pelo *archimimo* ou actor, que, com a possivel fidelidade, lhe reproduzia o andar, a voz e o gesto.

Se o extincto tinha exercido funcções publicas, o cortejo passava pelo *Forum*, levando em carro apropriado as insignias da sua magistratura, e o parente mais proximo do fallecido proferia, em tribuna, a oração funebre, escutada no mais profundo silencio.

No culto tributado ás divindades campestres, como o de Flora e o da primavera ou de Anna Perenna, havia festas da mais expansiva alegria e da mais ampla licença, constituidas por dansas e mimicas lascivas, por canticos immoraes e apostrophes grosseiras.

Nos sumptuosos festejos em honra dos generaes vencedores, manifestações em que se divinisavam o heroismo, o amor civico e a habilidade estrategica, o louvor confundia-se com o insulto e ao passo que um grupo de soldados queimava os incensos da lisonja ao triumphador, convertido em semi-deus, outros, disfarçados em satyros e faunos dirigiam-lhe apodos atrevidos, com que se lhe lembrava a sua qualidade de simples homem, que, embora, coroado de louros, vestido de purpura, seguindo, em soberbo carro de marfim, o caminho do Capitolio, tambem lhe servia de adorno o vexatorio annel de ferro dos escravos, ou o instrumento do ultimo supplicio nos tropheos da victoria.

Além d'estas significativas revelações da vida social de Roma, origem de um theatro cuja indole propria devia ser substituida pela estranha, encontram-se nos antigos povos da Italia, elementos dramaticos, dignos de menção: como as *Fesceninas*, de caracter comico, accentuadamente, satyricas, usadas nos folgares campestres, nas nupcias e nos triumphos; as *Saturas*, pequenas peças, acompanhadas de mimica e de dansa, transformadas, mais tarde, na *comedia planipedia* e as *Atellanas*, de indole aldeã, linguagem ordinaria e fins aggressivos, cujos personagens de méra convenção, entidades ridiculas, altamente, grotescas; como *Maccus*, *Manducos*, *Bucco* e *Pappus*, despertam a mais franca hilaridade e conduziriam o gosto, pelos espectaculos scenicos, á mais deploravel depravação, se o theatro grego, com a sua elevação moral e contextura artistica, não despontasse nos horisontes do Lacio.

Homens de apreciavel talento, como Livio Andronico, o primeiro tragico, Cneo Nevio, o primeiro comico, e os immortaes Plauto e Terencio implantaram, em Roma, a florescencia dramatica da Hellade.

As nações modernas, constituindo-se, depois do estabelecimento do christianismo, offerecem um theatro na sua feição hieratica bem diverso do antigo. Desapparecem da scena, como é natural, as creações mythologicas, como os cultos dramaticos de Baccho, na Grecia, e dos deuses lares e campestres, em Roma, para dar logar aos *Mysterios* na França, Inglaterra e Allemanha e aos *Autos Sacramentaes* em Portugal e Hespanha.

Estas manifestações do theatro christão admittiam a eterna lucta entre o principio do Mal, representado no peccado e o principio do Bem, representado na virtude e exploravam os successos mais frisantes da nova religião, como a vida, paixão, morte, resurreição de Jesus, milagres dos santos, soffrimento dos martyres, etc.

A feição religiosa devia, comtudo, com o correr dos tempos e, por conseguinte, com o progressivo desenvolvimento da civilisação, ser substituida pela feição profana, mais ampla, mais variada, mais interessante, e vultos eminentes da estatura de um Gil Vicente, Lope de Vega, Molière, Goldoni, Shakspeare e Hans Sacks definiram e firmaram, em bases seguras, essa bella instituição que, pelo seu caracter recreativo, litterario e critico, tanta importancia tem no mundo da moral e da arte, como nos destinos da sociedade.

*Damasceno Nunes.*

## Testamento de um portuguez do seculo XVIII

Nos tempos que vão correndo, a dar credito aos rumores que da má lingua teem subido até o alto das columnas do jornalismo de todas as cores e matizes politicos, a passagem pelo poder está destinada a substituir a travessia do famoso Pactolo, cujas ondas de aureas palhetas possuiam o condão de transformar indigentes em improvisados argentarios. Não deixa, portanto, de ser curiosa, ao menos pela excentricidade, a leitura do testamento do capitão general Balthasar Manuel Pereira do Lago, que governou a provincia de Moçambique durante o largo periodo decorri-

do de 17 de agosto de 1765 até 2 de junho de 1779.

Esta, em tudo excepcional, administração, tão fecunda quão despotica, ficou assignalada por importantes melhoramentos, realizados algumas vezes com o emprego de meios que não podem deixar de ser condemnados em face dos principios que regem o moderno direito publico. Oxalá possa attenuar a sentença proferida pelo tribunal da posteridade a consideração de que o feitio auctoritario dos actos do governo de Pereira do Lago nunca foi posto ao serviço de ruins instinctos e combinações interesseiras, mirando apenas a destruir attritos e preconceitos que, de ordinario, se insurgem contra qualquer innovação, e a beneficiar o regimen moral e social dos seus administrados.

Um dos actos mais violentos do referido governador foi a prisão de dois dos principaes proprietarios da capital, que se arvoraram em chefes da opposição á cultura da planta da mandioca, que Pereira do Lago estava empenhado em introduzir na provincia, a ponto de ter ordenado em alvará de 10 de outubro de 1770, que não pudessem nos proximos tres annos ser perseguidos judicialmente por dividas, excepto as respeitantes á fazenda real e a legados pios, os que provassem ter plantado 400 pés de mandioca, tendo alem d'isto um premio de cem cruzados aquelles cuja plantação excedesse o numero de 600 pés.

Apesar d'estes incentivos e das vantagens já reconhecidas da mencionada cultura, o espirito rotineiro da população embaraçava por todos os meios possiveis o seu desenvolvimento, preferindo deixar em pousio os terrenos que melhor deveriam ser aproveitados. A' frente da reacção achavam-se, como já dissemos, dois dos mais ricos proprietarios da capital, cujo exemplo tinha grande influencia entre os seus conterraneos.

Pereira do Lago chamou-os um dia ao palacio, e, admoestando-os severamente, ordenou que os levassem aos degraus do pelourinho acorrentados pelo pescoço, como se fazia aos escravos accusados de rebellião. Depois de assim expostos pelo espaço de algumas horas, foram recolhidos á cadeia civil, d'onde sahiram para ir plantar a aziaga mandioca que tão maus boccados lhes fizera passar.

Causou grande escandalo o facto de serem amarrados no Pelourinho publico dois dos primeiros patricios da provincia, de casaca e meia de seda, espadim de ouro e cabelleira de polvilho, alli, onde apenas se estava habituado a ver o criminoso maltrapilho ou o escravo semi-nu. O escandalo, todavia, passou e foi esquecendo, para só ficar a memoria de um acto de energia, ao qual a população indigena do districto de Moçambique deve a quasi exclusiva alimentação de mais de quatro quintos da sua totalidade, e os restantes districtos da provincia uma das substancias alimenticias mais indispensaveis aos usos ordinarios da vida.

Alguns dos habitantes da provincia, convictos do seu zelo e probidade, confiavam-lhe valiosos donativos, que elle principalmente empregava em obras pias e de beneficencia. Foi assim que construiu e dotou com ricas alfaias a capella de Nossa Senhora da Conceição de Mossuril, a que depois, em terreno comprado a expensas suas, juntou a casa de campo e palmar, que deixou em usufructo aos seus successores no governo, para, pelo rendimento d'esses bens, ser custeada a festividade que determinou se fizesse annualmente á santa padroeira do reino.

Chamámos em tudo excepcional á administração de Pereira do lago e, para justificar o asserto, bastará dizer que, segundo a tradição, foi uma intriga de côrte que motivou a sua nomeação para o governo de Moçambique, cargo com que aliás se acobertou uma condemnação a degredo perpetuo. Grandes foram as instancias que fez Pereira do Lago para que o dispensassem do seu prolongado exilio; rei e ministro eram surdos ás suas supplicas, e só a morte o escutou ao cabo de quatorze annos de martyrio.

É tempo, comtudo, de entrar no assumpto que tinhamos em vista, e se limitava a extractar algumas das clausulas do seu testamento, para que chamamos a attenção dos leitores. São as seguintes:

«Declaro que ha cincoenta e tantos annos que sirvo a Sua Majestade, sem nunca d'este serviço ter tirado tença nem commenda, e só sim muitos trabalhos e despesas de 14 annos para 15 me fazer estar em Moçambique até n'elle acabar os meus dias; e se por acaso Sua Majestade quizer attender a estes serviços, eu os deixo ao dicto meu filho Gaspar, debaixo das condições de obedecer a sua irmã, seguir as lettras e ser bom lettrado.

«Declaro que tenho servido a Sua Majestade n'esta conquista com toda a honra, zelo e amor, que me tem sido possivel; que nunca vi na minha mão do seu erario, senão o meu soldo, e lhe não devo o mais pequeno encargo, assim em zelo como em arrecadação.

«Declaro em como nunca contractei com o governo ou qualidade alguma de commercio, e isto attesto pela ultima hora da minha morte, como quem não quer pôr em duvida a sua salvação.

«Declaro que todos os donativos que me teem prestado em 14 annos teem sido applicados a grandes obras publicas, agriculturas e obras pias, e d'estas importancias por parcellas nunca tirei nada, senão para despesas extraordinarias, que teem sido muito grandes, o cabedal preciso com que tenho ajudado o movel das egrejas, principalmente com a Santa Casa da Misericordia que, não tendo nada, hoje tem todas as officinas competentes e hospital dos pobres.

«Declaro que todo o monte do meu espolio foi por effeito de sobreexcellentes *(sic)* que os meus procuradores me mandaram sempre de Portugal; e as minhas effectivas economias, a minha falta de vicios que faz a ruina d'estes povos; e dezoito mil cruzados que trouxe de Portugal, em moeda do mesmo reino, e aqui fizeram trinta e tres mil setecentos e cincoenta cruzados; e em tudo isto foi o ajuntar os meus soldos e os juros de dez por cento do tempo de 14 annos, declarando tudo isto para que não faça espanto. Quem não é desordenado pode juntar alguma cousa com que ir restituir os estragos de minha casa.

«Declaro que tenho sete ou oito arcas de roupa fina, producto de *saguates* que me mandaram no tempo de 14 annos os governadores de Diu, capitães d'aquelles barcos, e os *mazanes* d'aquella praça, e sendo este o meu espolio, de que ainda farei mais declarações aos meus mencionados amigos e testamenteiros, que se unam para a melhor forma da sua extracção e beneficio do meu monte.»

E' muito longo o testamento do capitão general Pereira do Lago para ser dado na sua integra. Extractamos apenas as clausulas mais importantes que se relacionavam com actos da vida publica do testador.

Antigamente pensava-se que os homens que geriam os negocios publicos deviam ser como a mulher de Cesar, superiores a toda a suspeita. Pereira do Lago nem sequer esperou que a duvida se formulasse; foi de ancontro a ella. E' um exemplo que não deveria ficar esquecido, agora ainda mais que nunca. A maledicencia apprendeu pelo cathecismo de D. Basilio a conhecer que da calumnia sempre fica um rasto, por mais imperceptivel que pareça, e por isso ataca violentamente todos os homens publicos. Possam elles ao menos, como Pereira do Lago, fazer do seu testamento a conta corrente de um espolio, cuja origem não se perde nas nebulosidades de mysteriosos arranjos.

## UMA NOITE NA FLORESTA

(Concluido do numero antecedente)

«Vêdes aqui, tornou o homem de preto, todos que tendes honrado desde a infancia. Por mais santos que vós os tinheis, e horrorizava-vos o vosso peccado, comparado com a rectidão das suas piedosas vidas. E comtudo vêde-l'os aqui na assembléa dos meus adoradores. Esta noite conhecereis as suas mais secretas acções; sabereis as palavras obscenas que os anciãos da egreja teem murmurado ao ouvido das raparigas de suas casas; as bebidas envenenadas que propinaram a seus maridos muitas mulheres, que cobiçavam o trajo da viuvez, não temendo receber em seus braços o homem que sabiam que não poderiam despertar. Vereis os moços imberbes que anteciparam a hora de herdar de seus paes, e as formosas damas que teem aberto sepulturas nos seus jardins sem convidarem a mais ninguem senão a mim para os funeraes de uma creança. Pela sympathia que existe entre todos os corações humanos, amigos do peccado, percorrereis todos os logares; na egreja, no lar, nos dormitorios, nas ruas e no campo, onde se tenha commettido um crime, e estremecereis de alegria ao ver que toda a terra está manchada de sangue. Ainda mais; descobrireis em todos os corações os mais profundos mysterios do peccado, vereis que o coração do homem é a fonte de todas as perfidias, e que não cessa de formar desejos tão impios que todo o meu poder não seria capaz de realizar!... E agora, meus filhos, olhai!

Elles olharam, e á claridade dos archotes accesos no fogo infernal, o desgraçado Brown reconheceu a sua Fides, e esta o seu marido, ambos a tremer ante o altar sacrilego.

«Aqui vos vedes pois reunidos, meus filhos, continuou o nosso homem com tom solenne, quasi tão triste na sua terrivel desesperação como se a sua anterior natureza angelica pudera ainda chorar a miseria da nossa raça. Contando um com o coração do outro, julgaveis que a virtude não era um sonho! Já recebestes o desengano. O mal é a natureza do homem. Só no mal podeis achar a felicidade... Outra vez mais, meus filhos, sêde bem vindos á communhão da vossa raça!

Alli estava o unico casal talvez d'este sombrio universo que vacillava ainda nos humbraes do mal. A natureza praticara um receptaculo na rocha. Continha agua, avermelhada pela lugubre luz? Seria sangue? Chammas liquidas? O espirito maligno metteu n'elle a mão e preparou-se para fazer-lhes na testa o signal do baptismo, afim de que pudessem participar do mysterio do peccado, e conhecer, melhor que antes, as suas proprias faltas, as acções e pensamentos culpaveis mais secretos de um e outro. O marido olhou para a sua pallida companheira, que a seu turno olhou para elle. Que lhes revelaria o seu proximo olhar? que manchas iriam ver em si mesmos?

— Fides! Fides! exclamou Brown; levanta os olhos ao céo e resiste ao demonio.

Não póde saber se Fides obedeceu. Apenas acabou de falar, achou-se só no meio da calma silenciosa da noite, escutando os mugidos do vento, que se apagavam ao longe. Vacillou e tropeçou na rocha, e sentiu que estava fria e humida; um ramo pendente que tinha visto a arder banhou-lhe a cara com um orvalho gelado.

No dia seguinte pela manhã entrou a passo vagaroso em Salem, olhando á roda de si como um homem extraviado. O bom e velho ministro passeava no cemiterio com o fim de abrir o appetite para o almoço e preparar o seu sermão. Quando viu Brown deitou-lhe a benção. Mas o rapaz fugiu como se o houvessem anathematizado. O diacono Gookin estava a rezar, e através da sua janella aberta ouviam se as palavras sagradas.

A que Deus se dirige aquelle feiticeiro? disse Brown comsigo.

A tia Cloyse, essa excellente christã, estava ao sol a ensinar o cathecismo a uma creança que lhe levava uma caneca de leite. Brown tirou-lhe a creança, como quem a arrancasse das mãos do demonio. Quando voltou a esquina do templo, viu a cabeça de Fides com as suas fitas côr de rosa. Aguardava o regresso com inquietação, e foi tal o seu transporte de alegria quando viu o marido, que atravessou a rua aos saltos, e beijou-o quasi na presença de todo o povo.

Teria Brown adormecido na floresta e só em sonhos estaria em conventiculo?

Como quizerem. Mas ai! o sonho foi-lhe fatal. Desde aquella noite terrivel, o pobre rapaz tornou-se triste, pensativo, melancolico e desconfiado. Quando a congregação cantava o psalmo aos domingos, não podia escutal-o, porque em seus ouvidos resoavam palavras impias que afogavam as do cantico religioso. Quando do pulpito, com a mão sobre a Biblia aberta, o ministro falava com uma eloquencia ardente das verdades consoladoras da nossa religião, da vida santa e da morte triumphante, da felicidade futura ou da ineffavel desgraça, Brown empallidecia e receava que o tecto desabasse com o estampido do trovão sobre o velho blasphemo e o seu auditorio. Frequentemente á meia noite, accordando sobresaltado, separava-se dos braços de Fides, de manhã e á noite, quando a familia estava a orar de joelhos, elle franzia o sobrolho, olhava severamente para sua mulher, e retirava se. E depois de ter vivido muito tempo, quando o seu cadaver foi conduzido ao cemiterio, acompanhado pela velha Fides, seus filhos e netos, que formavam com os vizinhos um numeroso cortejo, não se gravou no sepulcro uma palavra de esperança sequer, porque á sua ultima hora só presidiram a tristeza e a desesperação.

## NECROLOGIA

CONSELHEIRO ELVINO JOSÉ DE SOUSA BRITO

Pertenceu aos homens publicos de Portugal que mais se teem elevado pela politica. Pertence á historia que o julgará.

Nasceu em Nova Gôa e falleceu no dia 10 do corrente contando 51 annos de idade.

CONSELHEIRO ELVINO JOSÉ DE SOUSA E BRITO

Fallecido em 10 do corrente

Veio muito novo para Lisboa e matriculou-se na Academia Polytechnica do Porto onde fez seu curso com distincção.

Encetou a sua vida de funccionario como engenheiro adjunto dos caminhos de ferro do Minho e Douro. Depois chefe de secção da direcção das obras publicas de Villa Real; director das obras publicas de S. Thomé e Principe; engenheiro adjunto á direcção fiscal da construcção dos caminhos de ferro da Beira Alta; segundo e primeiro official do ministerio das obras publicas; chefe da repartição de estatistica; director geral da agricultura; vogal do conselho superior de instrucção publica e da junta consultiva do ultramar; adjunto do commissario regio junto da companhia Real dos Caminhos de Ferro; provedor da Real Casa Pia de Lisboa; lente do Instituto Industrial e commercial de Lisbo e vogal do tribunal de contas.

Na politica principiou por ser secretario do ministro das obras publicas, Saraiva de Carvalho. Depois foi eleito deputado pelos circulos de S. João da Pesqueira, Gôa, Quelimane, e Covilhã. Em 1899 foi elevado ao pariato, e em agosto d'esse anno feito ministro das obras publicas, pasta que geriu até fevereiro de 1900.

Elvino de Brito percorreu assim toda a escala burocratica até á eminencia do poder.

Se com isso saciou sua ambição, tambem gastou a vida prematuramente.

D'ahi a morte que tão cedo o levou para os mysteriosos arcanos da eternidade.

## METEOROLOGIA

Agosto de 1902

### Observações diarias

| Dias | Barometro | Temperaturas extremas | Céu | Vento | Chuva |
|---|---|---|---|---|---|
| | mm | ° ° | | | mm |
| 21 | 763,9 | 32,3–21,0 | Limpo | NNE | 0,0 |
| 22 | 763,7 | 33,8–21,4 | » | NE | 0,0 |
| 23 | 764,5 | 28,9–18,2 | Alg. Nuvens | N | 0 0 |
| 24 | 765,5 | 26,4–18,2 | Nublado | NNW | 0,0 |
| 25 | 764,6 | 21,9–16,8 | Alg. Nuvens | » | 0 0 |
| 26 | 761,6 | 21,9–16,2 | Nublado | » | 0,0 |
| 27 | 760,0 | 19,5–16,9 | » | SSE | 0,0 |
| 28 | 757,9 | 22,2–16,1 | » | WSW | 4,5 |
| 29 | 759,7 | 21,9–16,9 | » | » | 0,7 |
| 30 | 765,8 | 22,2–16,7 | Nublado | NNW | 1,4 |

CHRONICA METEOROLOGICA

As mais altas temperaturas de toda a estação calmosa foram observadas no reino, nos dias 21 e 22, dias nos quaes o calor se tornou intenso, com vento predominante d'entre NE e SE. Em Lisboa, a maxima foi de 33°,8. Em Campo Maior attingiu cerca de 42°, em Evora e Faro, 37°, em Lagos 36° e na Regoa 35°,6.

Viração ao NW em 24 e abaixamento sensivel de temperatura e baixa barometrica, tornando-se esta, minima em 28 (757mm,9 em Lisboa, 751mm,2 em Campo Maior), acompanhada de chuvas importantes em todo o reino, com vento do quadrante SW. A maxima de 19°,5 observada em Lisboa, no dia 27, é uma das mais baixas notadas n'este mez.

O regimen chuvoso persistiu até 3o.

## Publicações

Recebemos e agradecemos:

**A Patria a Garrett** — *Numero unico de homenagem á memoria do mais illustre filho da gloriosa capital do Norte, publicado e dirigido por Silva Leal e Alberto Bessa — Lisboa, 1901*

Destinou-se esta publicação a commemorar a realisação das festas com que a cidade do Porto precedeu a futura inauguração da estatua a Garrett, e a fomentar e auxiliar a propaganda ali encetada para que os restos mortaes do poeta fossem trasladados para o Pantheon dos Jeronymos.

Foi o distincto poeta Joaquim d'Araujo quem iniciou o culto a Almeida Garrett e entrou a pugnar pela trasladação dos seus restos mortaes para o mosteiro de Belem.

A sua primeira representação n'esse sentido é datada de Penafiel em janeiro de 1900. Muitas outras representações se seguiram, inspiradas por aquella, sendo a ultima a da Sociedade Almeida Garrett. Pode affirmar-se que esta representação determinou o governo a deferir ás anteriores com o decreto de 9 de julho passado.

Foi na sessão de 2 de maio d'este anno na camara dos dignos pares que o nosso illustre amigo sr. conde de Valenças, presidente do conselho director da Sociedade Litteraria Almeida Garrett, apresentou a referida representação, reforçando os argumentos d'ella no discurso aprimorado que então proferiu.

Na sessão seguinte devia a proposta do sr. conde de Valenças ter segunda leitura na meza da camara, mas o sr. presidente, disse que, visto o governo ter já promettido decretar a trasladação, se podia dispensar essa leitura, resolvendo a camara affirmativamente.

Pretendeu-se fazer lavrar o decreto em uma data que commemorasse um dia notavel da vida de Almeida Garrett. Foi escolhido o dia 9 de julho por ser aquelle em que o poeta do *Camões* entrou na cidade invicta, fazendo parte como voluntario n.° 72 do batalhão academico, encorporado no exercito liberal.

A' Sociedade Litteraria Almeida Garrett cabem merecidos applausos pela sua iniciativa.

O bello numero unico *A Patria a Garrett*, que nos suggeriu esta noticia, é uma boa publicação, excellentemente collaborada e illustrada, e que mereceu o mais lisongeiro apreço do publico.